

Editorial

DELEUZE, MÁQUINAS E CYBORGUES. O título desse número da Revista **Informática na Educação: teoria & prática** já indica o que nele é princípio: pensar em meio às tecnologias a emergência de novas idéias, cognição, percepções, aprendizagem, tempo, espaço, corpo, máquinas, subjetividade... Não persegue a produção das tradicionais relações homem-máquina que ora expressam análises ufanistas no que se refere ao progresso científico e tecnológico, ora um exagerado pessimismo que considera a tecnologia uma ameaça, uma dominação radical à vitalidade dos humanos, destacando-se sua subalternização à ideologia dominante. O propósito desse número é outro: não reduzir esse debate sobre a relação homem-técnica a um esquema de dominação. Os textos aqui apresentados constroem uma outra via de análise. Pensam com radicalidade a experiência da aprendizagem considerando-a como zona movediça entre caos e pensar. Modelo rizomático que não para de se forjar.

A proposta do número em tela se constitui como aposta radical num certo modo de pensar educação e tecnologias. Assim, por entre encontros os mais variados, coloridos por tantas diferenças e intensidades, fomos compondo esse número. Apostamos todo tempo nos movimentos de singularização, na ousadia de criar mundos, investindo nas possibilidades de outros encontros-efeitos. Depois de muitas trocas de e-mails, muitas conversas, nos pareceu que nossa empreitada como editora associada estava provisoriamente concluída. Reunimos os artigos, compomos, construindo novas relações. Tal composição se fez seguindo pistas que nos indicavam uma certa forma de dar corpo a esse projeto.

Os textos buscam tematizar a questão das tecnologias educacionais no contemporâneo em sua complexidade, ao invés de reduzir o debate à oposição favorável ou não a certas 'práticas tecnológicas' no campo da educação, ficando-se na sombra de recusas e oposições. Ao trazerem para a cena o modo como os humanos 'sujam' as tecnologias de humanidade, partem de uma perspectiva ontogenética na qual a técnica é pensada como vetor de subjetivação. As tecnologias, sob este olhar, são indissociáveis de uma formação humana e de modos de viver na sociedade da informação e do conhecimento nos dias de hoje, que provê imensos desafios às formações subjetivas e aos processos educativos. Perspectivou-se, dessa forma, escutas e prospecções de pesquisas nesse campo que indiquem a multiplicidade inerente e constitutiva da realidade, conjurando práticas que elevam a educação e suas tecnologias ao estado de substantivo. Deseja-se, então, dar passagem e voz aos gestos que, marcados por estratégias de invenção, se aliam e se comprometem com os processos de produção da diferenciação. Trata-se de uma aposta radical na composição de sentidos que fortaleçam vias de criação por meio das possibilidades que as tecnologias oferecem.

Como nos indicam Deleuze e Guattari (2010)¹, tudo começa por um terrível combate. Dizem-nos que para produzir um pensamento é preciso fazer um deslocamento, que funciona por meio da divergência das faculdades mentais, repetição do movimento de diferenciação, chegando-se, assim, a outra dimensão do pensamento, que pensa fora das referências já estabelecidas, fora do sistema significante. Ao operar por deslocamento, desencadeia-se a produção de um pensamento que pensa por dessemelhança e, longe de procurar a essência de algo, inquieta-se com o modo como algo emerge, funciona, desdobra-se, voltando-se para os acontecimentos e suas circunstâncias. Como não enquadrar o fazer educativo em tecnologias que procuram impor formas de organização de trabalho pedagógico padronizadas? Como escapar dos procedimentos cirurgicamente formulados, que tentam congelar o movimento das paisagens educativas e são insensíveis às forças intensivas do presente? Talvez construindo processos aprendentes não apenas como aplicação direta de tecnologias de ensino, mas coengendramento de experiências, de forma a experimentar uma educação

1 Deleuze, G. e Guattari, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed 34, 2010

menor, instalando-se na abertura à experimentação. O convite: libertar-se das amarras da obsessão por tecnologias de aprendizagem ignorando a potência dos corpos na composição de modos diferenciais de aprender-viver.

Quais políticas de subjetivação são postas a funcionar e quais seus efeitos quando tomamos essa relação homem-máquina na sua complexidade? Esse foi o desafio proposto aos autores que compõem esse número. Os textos fazem gaguejar as tecnologias educacionais fazendo-as deslizar na superfície de intercessão de regimes de signos, desviar das produções discursivas que tentam aprisionar/fixar práticas e são refratárias de vitalidade e impermeáveis às sensações experimentadas.

O processo envolveu muitas conversas e a indicação de alguns autores que poderiam submeter seus trabalhos para avaliação. Unidos por algumas afinidades conceituais e éticas e por inquietações advindas dos nossos mundos do trabalho, os autores apresentaram seus textos num exercício fecundo de construção coletiva.

Essa foi a aposta dos autores que aqui apresentam seus artigos: indagar práticas que ao perseguirem a produção de rostidade ficam insensíveis à vitalidade dos movimentos intensivos que constituem as paisagens educacionais, atentos à atmosfera, aos ruídos, tempestades, anoitecer, entardecer, amanhecer, e sensíveis aos fenômenos e sensações que nos tomam. Com Rolnik (1989)², não nos importa explicar ou revelar questões referentes às tecnologias educacionais, pois "não há nada acima delas, nos céus da transcendência, nem embaixo, nas brumas das essências, o que há por todos os lados são intensidades buscando expressão".

Tal postura assumida nesse número, se expressa na direção editorial da revista e, portanto, nos artigos que a compõem. De início, o artigo **Em foco**, "Imagens- Movimento: Fronteira" traz uma experiência educacional na África com seus encantos e desencantos. Educação e tendas. Educar? Do que se trata? Destino, beira, corredor, fronteira...Escola, posto de saúde, tendas que abrigam meninas grávidas. Tecnologias? Crianças sentadas na areia que olham a professora, programa *de prevenção do HIV*. Fronteiras, critérios que dividem meninas entre as que tem chances de experimentar atravessar as fronteiras, experimentar outro mundo e as que estão fadadas a outros destinos. Descortina paisagens que situam-se na "beira"; **"A invenção técnica: transindividualidade e agenciamento coletivo"** define a invenção técnica como resultado de uma relação transindividual e efeito de agenciamentos coletivos entre homem e matéria, ou, entre homem e mundo; em **"Uma pragmática dos fedores: vertigens ciborgues entre o ralo e o Lixão de Gramacho"** os autores problematizam os modos de subjetivação nas cidades contemporâneas, buscando escapes às estratégias hegemônicas de controle, a partir da ativação do que denominam subjetividade-ciborgue em sua potência estética de criação de mundos; no artigo **"Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus"** a autora discute a natureza da experiência estética e seu papel na cognição inventiva, examinando sua relação com a atenção e seus efeitos sobre a aprendizagem, questionando a separação entre o que habitualmente é chamado de percepção estética e de prática artística; **"Fotografias co-produzidas da situação de trabalho: imagens em ato da atividade em saúde"**, discute a complexidade relacional que é o trabalhar em saúde, com forte prescrição sobre a subjetividade e um possível dispositivo para a análise desta atividade usando como estratégia metodológica uma Oficina de Fotos, como um dispositivo de uso da experiência como fonte de novas experiências; **"A Interface Psicologia/Biologia no Laboratório de Imunologia da UFF"** tem como propósito analisar o uso de termos cognitivos pela Imunologia, discutindo a noção de cognição com que os professores/pesquisadores trabalham quanto à proposta dessa interface; no artigo **"Subjetivações à flor da pele"**; a autora volta-se para o estudo dos modos de vida contemporâneos, onde o cansaço se destaca como uma manifestação que vem se ampliando, chegando a se constituir como uma síndrome; **"Imagens efêmeras: sociedade de controle, sexualidade, performatividade"**

2 ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

e educação” ocupa-se da ocorrência de um vídeo ‘pornô’ criado a partir de telefones celulares por alunos de uma escola pública de ensino médio no interior do Estado do Espírito Santo, busca fazer do episódio um caso de pensamento em meio ao qual problematiza-se a educação escolar em suas relações com os novos dispositivos de produção e circulação de imagens, com as redes sociotécnicas de comunicação, com as formas de subjetividade contemporâneas e com as moralidades que se constituem nas sociedades de controle; **“Máquinas e incorpóreos e virtualidades na/da/pela imagem”** é um *textomáquina* que aposta no fragmento, atravessa-se por objetos e suas intensidades de experiência, lembrança e signos. Fusão inconclusa de imagem e palavra, se faz por traços descontínuos de linhas de composição da escrita sem a corporeidade representacional; o artigo **“Fotografia panorâmica e sua relação homem-técnica”**, discuti, a partir dos aportes de Gilbert Simondon e autores afins, aspectos das relações entre objetos técnicos e a sociedade atual; busca construir uma breve filosofia da técnica relativa à fotografia panorâmica, disparando reflexões em que homem e máquina acoplados são produtores de modos de viver, acionando processos de individuação e subjetivação.

O número foi se forjando, então, a partir de textos que emergem de acontecimentos, de saberes nomadizados. Procuramos fazer passar muitas questões na tentativa de forjar outras inquietações que possam produzir interferências no que está estabilizado no âmbito das tecnologias e processos educacionais. Trata-se de um número que se constitui nesse encontro-passagem, que se coloca de passagem, em conexão com fragmentos, para que outros saberes possam se expressar. Um número para ser dissecado, decomposto, destruído, transformado, deformado... Ansiamos por intercessores.

Maria Elizabeth Barros de Barros

Editora associada

Psicóloga, Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES